

O funcionamento da paráfrase discursiva: constituição do sujeito e dos sentidos na produção do conhecimento dos anos de 1950

(The operation of discursive paraphrase: constitution of the subject and the senses in
knowledge production from the 1950s)

Caroline Mallmann Schneiders¹

¹Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria

carolletras2005@yahoo.com.br

Abstract: This paper conducts a reflection mainly on the way of the subject inscription in the discursive process, in order to observe the effects of sense which result from this inscription. This operation will be analyzed based on discursive fragments related to the concept of language conveyed in the studies about Portuguese language from the fifties. The selected fragments are about the works *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, and *Manual de Filologia Portuguesa*, both written by Serafim da Silva Neto. For this purpose, we assume the theoretical-methodological assumptions from Discourse Analysis of Pecheuxian orientation and the History of the Linguistic Ideas, mobilizing especially the notion of discursive paraphrase, which allows us to understand the constitution of the senses and the subject.

Keywords: subject; language; discourse.

Resumo: A reflexão que iremos empreender recairá, sobretudo, no modo de inscrição do sujeito no processo discursivo, a fim de observarmos os efeitos de sentidos que resultam dessa inscrição. Esse funcionamento será analisado a partir de recortes discursivos referentes ao conceito de língua veiculado nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos de 1950. Os recortes selecionados dizem respeito às obras *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* e *Manual de Filologia Portuguesa*, ambas de Serafim da Silva Neto. Para tanto, nos filiamos aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação pecheuxiana e à História das Ideias Linguísticas, mobilizando, sobretudo, a noção de paráfrase discursiva, a qual nos permite compreender a constituição dos sentidos e do sujeito.

Palavras-chave: sujeito; língua; discurso.

Considerações iniciais

A reflexão que iremos empreender, neste artigo, tem como objetivo apresentar algumas considerações vinculadas ao que estamos propondo em nosso estudo de doutoramento. Interessa-nos analisar, a partir da concepção de língua que verificamos nos estudos sobre a língua portuguesa do Brasil, dos anos de 1950, o modo como saberes outros estão linearizados em determinadas formulações discursivas e estabelecem relações de sentidos entre discursos situados em condições e formações discursivas (FDs) distintas. Além disso, buscamos compreender a inscrição do sujeito no processo discursivo em análise, ou seja, compreender a tomada de posição frente aos saberes que se linearizam no fio do discurso, e aos que predominam na FD em que os estudos sobre a língua portuguesa se inscrevem. Tal compreensão torna-se relevante na medida em que, segundo Pêcheux (2009 [1975], p. 82), “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”, cuja base é a língua, configurando-se, portanto, como um processo que é linguístico e ideológico.

Para desenvolvermos esse estudo, analisaremos recortes discursivos (RDs) pertencentes às obras: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1950 (1ª edição), e *Manual de Filologia Portuguesa*, 1952 (1ª edição), ambas de Serafim da Silva Neto. Tais obras são tratadas como estudos de cunho científico do início dos anos de 1950. Como sabemos, a partir de Pêcheux (2009 [1988]), o discurso científico é determinado historicamente e ideologicamente, constituindo-se em relação a outros dizeres, por meio dos quais podemos compreender a filiação histórica do discurso, filiação esta que permite a constituição do sujeito e dos sentidos. Os recortes selecionados referem-se ao início da década dos anos 50, do século XX, por se tratar de um momento fecundo em estudos relacionados à língua portuguesa e em pesquisas linguísticas que se iniciam junto ao meio acadêmico.

A perspectiva teórica em que nos filiamos para desenvolver esse estudo é a Análise de Discurso (AD) de orientação pecheuxtiana, vinculada à História das Ideias Linguísticas (HIL). Diante desse pressuposto teórico-metodológico, mobilizaremos, sobretudo, a noção de paráfrase discursiva, uma vez que a consideramos essencial para a produção dos sentidos e, por conseguinte, para compreender a tomada de posição do sujeito.

Considerações sobre o processo de constituição do sujeito e do sentido

No estudo empreendido, torna-se necessário atentar à tríade discurso/sujeito/sentido. Orlandi (2005a, p. 59) destaca que discurso, sujeito e sentido se constituem por estarem ligados a “uma memória que se estrutura pelo esquecimento”, cuja base está situada no interdiscurso, instância que faz intervir os discursos outros, já ditos, que estão na ordem da exterioridade e do esquecimento, no domínio do intradiscurso, que é o da formulação do discurso.

Para que o discurso se materialize, é necessária a sua relação com o sujeito, que se constitui a partir da interpelação ideológica. Ou seja, o sujeito torna-se um efeito da ideologia, é assujeitado, configurando-se como uma posição entre outras, pois é devido a esse efeito ideológico que se pode compreender como o sujeito se significa em determinada materialidade, pela posição inscrita no discurso. Para Orlandi (2005a, p. 49), o sujeito é definido como uma posição que pode se constituir em diferentes discursos a partir de uma estrita relação “com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais”.

É por meio da posição sujeito que os sentidos se constituem no processo discursivo. O sentido, segundo Pêcheux (2009 [1975]), é decorrente das posições ideológicas que perpassam o processo sócio-histórico em que “as palavras, expressões e proposições são produzidas” (p. 146). Ou seja, o sentido se constitui pela posição assumida pelo sujeito, sendo que este também se constitui a partir do momento em que se inscreve em determinada posição, processo esse necessário para a produção do discurso. No entanto, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, no processo discursivo, pela relação estabelecida com determinada formação discursiva (FD), que, por sua vez, configura-se a partir do interdiscurso (cf. ORLANDI, 2004).

Cabe destacar a importância do interdiscurso para a configuração da FD e, por conseguinte, do sujeito e sentidos. O interdiscurso caracteriza-se por abarcar todo o domínio do universo do dizível. Contudo, devido à impossibilidade do sujeito se relacionar

com o todo desse domínio, os saberes passam a estar regionalizados no interior do interdiscurso, e cada região configura uma dada FD. Desse modo, o interdiscurso é um espaço heterogêneo, que, segundo Pêcheux (2009 [1975], p. 149), comporta “‘o todo complexo com dominante’ das formações discursivas”.

Podemos dizer que toda tomada de posição decorre de sua relação com a FD, a qual “representa na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (2009 [1975], p. 147). As FDs regulam o que pode e deve ser dito, mas também o que não pode e não deve ser dito em determinada conjuntura sócio-histórica. Pêcheux, em seus estudos, observa que pode haver desdobramentos do sujeito diante dessa forma-sujeito constituída, resultando em distintos modos de subjetivação, fazendo com que o sujeito possa tomar posições diferentes frente à FD em que está inscrito.

Ainda, é importante considerar que a possibilidade de o sujeito se relacionar de diferentes modos com a FD está atrelada às condições de produção do discurso. Trazendo um breve esboço das condições de produção que envolvem os recortes discursivos (RDs) que analisaremos, podemos dizer que, na conjuntura dos estudos sobre a linguagem dos anos de 1950, no Brasil, os saberes que predominavam nas práticas científicas eram os saberes que visavam ao estudo da língua portuguesa do Brasil sob o viés da Filologia, perspectiva esta que embasou os estudos científicos em torno da língua portuguesa do Brasil, sobretudo, até os anos de 1960. No entanto, em consonância aos saberes filológicos, têm-se outros saberes que circulavam na época, constituindo a FD dessa conjuntura, como, por exemplo, os saberes linguísticos, dialetológicos e literários. Logo, podemos dizer que os RDs selecionados para essa reflexão se inscrevem em uma FD que é atravessada por diferentes saberes, que se inscrevem em lugares/perspectivas diferentes.

Desse modo, os saberes dominantes da FD dos estudos sobre a língua portuguesa da década de 50, do século XX, referem-se aos que podem e devem ser ditos nessa conjuntura, isto é, são os saberes que procuram dar visibilidade à língua do Brasil e a sua evolução. Já os outros saberes que se atravessam e constituem tal FD, são saberes que começam a ganhar uma importância maior nesse período científico do contexto brasileiro. Trata-se, portanto, de uma FD que é composta por saberes que resultam de lugares diferentes, sendo estes lugares que permitem ao sujeito tomar dada posição, inscrevendo-se em outras filiações de sentidos.

Nesse estudo, para compreender a inscrição do sujeito no processo discursivo, partimos do modo como são retomados os saberes de outras conjunturas e como eles passam a estar atualizados/articulados na horizontalidade discursiva. Consideramos que há esse atravessamento, pois a FD é um lugar heterogêneo, que comporta saberes que lhes são próprios, mas também saberes que advêm de outros lugares, atravessando-a. Isso acontece porque as fronteiras entre os saberes não são fechadas, movimentam-se, podendo afetar o modo de constituição do sujeito e dos sentidos.

Desse modo, interessa-nos a maneira pela qual o sujeito se inscreve frente à linearização de outros saberes no fio do discurso, tendo em vista o funcionamento da paráfrase discursiva que irrompe na materialidade em análise. Com isso, entendemos que as relações parafrásticas nos permitirão apreender, em especial, a filiação de sentidos que constitui o discurso, e se há deslizamentos e/ou deslocamentos de sentidos no processo discursivo.

A paráfrase discursiva e sua relação com o sujeito e sentido

Para o desenvolvimento analítico do presente estudo, priorizamos o modo como são retomados os saberes de outras conjunturas e como eles passam a estar atualizados/articulados na horizontalidade discursiva a partir do funcionamento da paráfrase discursiva que irrompe no discurso em análise. Com isso, entendemos que, pelo funcionamento parafrástico, poderemos apreender a filiação de sentidos e a constituição do sujeito no processo discursivo.

No que se refere à paráfrase discursiva, Pêcheux (2009 [1975]) propõe uma distinção para esta noção, a qual pode ser entendida como uma unidade não-contraditória do sistema da língua, ou como uma paráfrase histórico-discursiva “para marcar a inscrição necessária dos funcionamentos parafrásticos em uma *formação discursiva historicamente dada*” (p. 266, grifos do autor). Considerando tal distinção, interessa-nos o funcionamento da última concepção para observar os sentidos do funcionamento parafrástico em determinado discurso, efeito este tomado em sua forma material e em consonância às condições de produção.

Para os estudos discursivos, tal noção é imprescindível para a produção do sentido, sendo denominada por Pêcheux (1997 [1975], p. 169) como “matriz do sentido”. Para o autor, a noção de paráfrase vincula-se, por um lado, às noções de substituição e sinonímia, e, por outro, ao de transformação. Ou seja, o sentido pode se constituir em relação a dois funcionamentos distintos: o do mesmo, que é o “da identidade, da repetição, assegurando a estabilidade da forma lógica do enunciado”; e o da alteridade, que é o “da diferença discursiva, da alteração do sentido induzido pelos efeitos de espelhamento e de deriva” (PÊCHEUX; LÉON, 2011 [1982], p. 172).

Henry (1990 [1975]), a partir dessa conjugação com o sentido, considera a paráfrase discursiva como dependente tanto das condições de produção quanto da interpretação. Tal funcionamento resulta das diferentes FDs a que a produção do discurso pode estar inscrita para produzir sentidos. Henry (1990 [1975]) ainda aponta que a paráfrase discursiva é resultante de dois modos de determinação do discurso. De um lado, é determinado pelas FIs¹ que projetam e configuram as FDs, e, de outro, há a determinação via autonomia relativa da língua. O autor considera que sem essas determinações não se poderia tratar da noção de paráfrase discursiva.

Além disso, é importante considerar que não se pode estabelecer uma relação de paráfrase discursiva entre quaisquer formulações, visto que são as condições sócio-históricas que a determinam, sendo concebida como uma noção ‘contextual’ por ser dependente das condições de produção e das FDs (HENRY, 1990 [1975], p. 59). Há também a possibilidade de uma determinada formulação/sequência estar em relação a ela própria, produzindo um efeito de ‘retomada’ e de ‘reformulação’. Tais efeitos, no entender de Henry, podem ser exemplificados pelos funcionamentos das orações relativas restritivas e explicativas.

A paráfrase, do ponto de vista discursivo, diferencia-se do modo como é referendada por outras perspectivas, para as quais “as produções parafrásticas derivam de recursos fornecidos, via de regra, pela própria base lingüística” (ZANDWAIS, 1996, p. 16). Há essa diferenciação, pois a paráfrase discursiva é pensada a partir da “inter-

¹ Formações Ideológicas (FIs).

dependência entre fatos de ordem histórico-social e o funcionamento discursivo, de modo a explicitar, através de tais relações, as condições de produção de reprodução dos sentidos” (ZANDWAIS, 1996, p. 16).

Desse modo, o diferencial refere-se ao fato de que os sentidos não resultam puramente da base linguística, é necessária a determinação dos fatos externos, das condições históricas, que irrompem na discursividade enquanto “processos de ressonâncias interdiscursivas” (SERRANI, 1997). Isto é, decorrem do funcionamento do interdiscurso, pelo que é anterior e exterior ao dito (pré-construído) e pelo retorno do saber ao pensamento (efeito de sustentação), permitindo a inscrição, na formulação do discurso, de uma determinada memória discursiva.

A paráfrase discursiva é entendida, portanto, por um ponto de vista peculiar, que leva em conta o ideológico, não se restringindo ao nível estritamente linguístico. Toda paráfrase discursiva é, pois, determinada ideologicamente e historicamente, inscrevendo-se em dada FD. Quando observamos o funcionamento dessa noção, podemos dizer que há uma repetição com vistas à cristalização dos sentidos referentes a um discurso em específico, construindo um dado imaginário de sentido (SERRANI, 1997).

Todavia, devemos ter claro que, para a paráfrase discursiva produzir sentidos, há uma estrita relação com os saberes próprios de uma FD. Diante disso, podemos considerar que a paráfrase discursiva permite que os sentidos se estabilizem no interior do domínio que caracteriza certa FD, além de serem regulados por esta instância.

Para tratar do funcionamento da paráfrase discursiva enquanto matriz do sentido, é necessário remeter ao que está exterior ao linguístico, mais precisamente, às condições históricas e ideológicas que permitem ao já dito, pertencente a uma FD e conjuntura sócio-histórica, ressoar em outro discurso, situado em outra FD e diferentes condições. Um discurso, quando remete a outros, pertencentes a outras condições e FD, é constituído, pois, pelo funcionamento de ‘ressonâncias de significação’, como propõe Serrani (1997).

Serrani propõe esse termo para indicar a existência de paráfrase² entre duas ou mais unidades, considerando que “para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua” (1997, p. 47). A autora traz para o centro de seu estudo a noção de interdiscurso, pois as ressonâncias de significação se estabelecem no interior de dado discurso pela sua relação com o interdiscurso, a partir de uma ressonância interdiscursiva. Esta, para a autora, é fundamental para se compreender como ressoam os já ditos, e, ao se estabelecer a relação entre discursos, poder observar as ressonâncias de significação.

Ao considerar a paráfrase como uma ressonância de significação, Serrani (1997, p. 16) propõe que tal ressonância pode estar ligada a ‘unidades específicas’ e a ‘modos de dizer’. As ressonâncias de significação de unidades específicas dizem respeito ao funcionamento parafrástico de itens lexicais, frases nominais, etc. Já as ressonâncias de significação dos modos de dizer apontam para as repetições que fazem intervir o interdiscurso num determinado dizer via ‘construções sintático-enunciativas’.

2 A autora, em sua reflexão, trata apenas do termo ‘paráfrase’, e não de ‘paráfrase discursiva’ como vimos considerando a partir de Henry. A paráfrase, para Serrani, é tomada enquanto “funcionamentos parafrásticos das unidades lingüísticas no discurso” (1997, p. 43).

Nessa abordagem, a paráfrase, para a autora, vincula-se ao nível da verticalidade do discurso, lugar onde os sentidos ressoam, e materializa-se na medida em que é linearizada na horizontalidade do discurso, materialização essa que pode ocorrer de diferentes modos, por meio de diferentes mobilizações linguísticas. Tal noção é, portanto, do nível do interdiscurso, sendo concebida por Serrani (1997, p. 16, itálicos do autor) como “*ressonâncias interdiscursivas de significação que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido*”.

Interessa-nos tratar da paráfrase, a partir de uma posição discursiva, porque são os funcionamentos parafrásticos que materializam dados sentidos na constituição do discurso. Cabe reiterar que a paráfrase discursiva caracteriza-se como matriz dos sentidos, uma vez que o “o jogo de paráfrases é que dá as distâncias (relativas) dos sentidos na relação de diferentes formações discursivas. Pelas paráfrases, os sentidos (e os sujeitos) se aproximam e se afastam. Confundem-se e se distinguem” (ORLANDI, 1990, p. 41). Para se estabelecer os jogos de paráfrases, também é preciso apreender as relações entre as FDs, uma vez que estabelecem a relação entre discurso e exterioridade, que remetem, por conseguinte, ao interdiscurso, o qual permite o retorno do já dito pela forma do pré-construído, fixando dados sentidos e, ao mesmo tempo, esfacelando a possibilidade de origem do sentido.

Segundo Orlandi (2005a), é pela reprodução/repetição dos sentidos que se pode observar, ao mesmo tempo, a repetição e a transformação que não estão colocadas em níveis distintos e devem ser tratadas como constitutivas do processo discursivo e dos sentidos. Desse modo, junto à noção de paráfrase há outra categoria que se estabelece quando há o deslizamento de sentido, a saber: o efeito metafórico. Orlandi (2005b, p. 78) ressalta que “é a paráfrase (pensada em relação à configuração das formações discursivas) que está na base da noção de deriva que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico”. Assim, tanto a paráfrase quanto a metáfora configuram-se como importantes suportes analíticos.

O funcionamento parafrástico e o metafórico imbricam-se quando tratamos da constituição dos sentidos. Não podemos considerá-los em separado, porque a retomada é pensada em relação à história e, por conseguinte, produz história, pois, quando um dizer se historiciza em certa conjuntura e FD, este mesmo sempre está suscetível a deslizes, podendo constituir um outro. No momento em que um dizer faz ressoar dada memória, podemos considerar que ele é dotado de historicidade, pois a história se inscreve na língua, produzindo determinados sentidos. Isso quer dizer que o ‘fazer sentido’ ocorre em relação a uma repetição, mas pode remeter a um desliz de sentido, uma vez que os sentidos não podem ser controlados, o que é próprio da ordem do simbólico, sendo o lugar do funcionamento da ideologia, da história, e onde se instala a possibilidade de gestos de interpretação (ORLANDI, 2004).

Orlandi (1990) afirma que o funcionamento da metáfora e da paráfrase no processo discursivo, às vezes, não é passível de distinção, isto é, os limites entre o mesmo e o diferente são bastante tênues. A metáfora, para a autora, é a condição do uso da linguagem, possibilitando o uso de uma palavra por outra. Já a paráfrase, pela repetição, é “o uso diferente do mesmo, do outro no um” (1990, p. 44). Tais funcionamentos tornam-se imprescindíveis para a constituição do sentido, o qual sempre está em movimento, movendo-se para outros lugares, remetendo ao que Orlandi chama da dimensão do ‘sem

fundo' do sentido, o qual não tem origem, pois o que se constitui são efeitos de sentido, que são determinados pelas condições históricas.

Para compreendermos o processo de constituição do discurso, é necessário observar a conjugação entre o mesmo e o diferente, visto que toda repetição remete a uma “mexida nas redes de filiação dos sentidos”, mexida essa que só é possível, portanto, a partir de um já dito, de um dizer já estabilizado (ORLANDI, 2001, p. 36). Para Orlandi (2001, p. 36), é entre o mesmo e o diferente, ou ainda, “entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. O movimento tanto dos sujeitos quanto dos sentidos é resultante do fato de o real da língua ser passível de falhas e de o real da história de ruptura.

A partir do exposto a respeito da paráfrase discursiva, observamos que o interdiscurso coloca-se no centro de seu funcionamento, uma vez que possibilita a relação entre discursos por meio dos já ditos que ressoam no fio do discurso. Tal relação permite não só a constituição dos sentidos, mas também do sujeito, visto que sujeito e sentido se constituem mutuamente no processo discursivo. Assim, entendemos como relevantes as considerações a respeito da paráfrase, sob a ótica da AD, em razão dessa noção ser, para nós, um modo possível de analisar a constituição de dado discurso.

O processo discursivo em sua relação com a paráfrase discursiva: considerações analíticas

Os recortes discursivos (RDs) que serão analisados fazem parte de obras dos anos de 1950 que versam sobre o português do Brasil, possuindo como autor um estudioso significativo desse período: Serafim da Silva Neto. Este apresenta uma importante contribuição para os estudos que envolvem a língua portuguesa de tal conjuntura, possuindo uma vasta produção acadêmica, a qual se intensifica, sobretudo, nos anos de 1950. Os RDs privilegiados são de duas obras: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, que visa a um estudo sobre a constituição e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil a partir de um ponto de vista histórico, mais precisamente, da história externa; e *Manual de Filologia Portuguesa*, um estudo que objetiva destacar o que envolve a perspectiva da filologia portuguesa que embasa tanto as produções acadêmicas quanto o ensino superior da época.

O nosso interesse recai sobre os estudos em torno da língua portuguesa dos anos de 1950, uma vez que se inscrevem em uma FD que é composta por diferentes saberes, como os filológicos, dialetológicos, e os linguísticos, os quais circulavam junto ao meio acadêmico dessa conjuntura. No entanto, interessa-nos, de modo especial, a articulação entre os saberes da Linguística e os da Filologia, visto que este domínio se sobressai na FD em questão e aquele passa a ter um maior reconhecimento nessa conjuntura. Para tanto, partiremos da noção de paráfrase discursiva, a fim de analisar o modo como os saberes vinculados ao domínio da Linguística são linearizados na base linguística dos recortes selecionados.

No desenvolvimento analítico, analisaremos um recorte discursivo de cada uma das obras já referidas. Os recortes foram delimitados em razão de haver a citação do postulado saussuriano na formulação do discurso, citação esta que retoma a noção de língua tal como ela está sendo concebida nesse postulado, especialmente, por meio da dicotomia língua *vs.*

fala. A partir de tais recortes,³ visamos, especialmente, às ressonâncias interdiscursivas, com vistas a compreender o modo como saberes outros irrompem no fio do discurso.

Na sequência, trazemos o primeiro recorte de Serafim da Silva Neto (RD1(SN)). Para analisá-lo, destacaremos, em primeiro lugar, considerações a respeito da base linguística, e, em segundo, estabeleceremos o modo como o discurso em questão é constituído pelo funcionamento parafrástico:

RD1(SN)⁴: “Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres. Ésse sistema, que só existe nos indivíduos falantes, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é impôsto. (3) [nota de rodapé: “(3) Vj. o *Cours de linguistique générale*, pág. 30.”] (Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil, 1950, p. 18, itálicos do autor)

Traçando algumas considerações a respeito da base linguística do primeiro recorte a ser analisado, iniciamos nossas colocações ressaltando o fato de que, em sua formulação, remonta-se a uma dada conjuntura sócio-histórica e ideológica dos estudos sobre a linguagem e a um determinado sujeito: Saussure. Pela perspectiva em que nos situamos, a presença de outra conjuntura sócio-histórica e ideológica na formulação discursiva em análise permite-nos compreender a articulação de dizeres outros no fio do discurso, constituindo dada memória discursiva que irrompe pela relação que o dizer mantém com a instância do interdiscurso.

Tal relação, no entanto, não se restringe à presença da citação de Saussure, ou seja, a esta marca linguística, mas a atualização do conceito de língua do postulado saussuriano no fio do discurso: “sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres”. Essa atualização vem precedida da forma verbal ‘sabe-se’, que está acompanhada por um índice de indeterminação do sujeito. Essa indeterminação do sujeito aponta para um efeito contraditório, pois, afinal, quem sabe? Se pensarmos somente pelo nível linguístico, gramatical, não podemos responder a essa questão, é necessário recorrermos à exterioridade, às condições de produção do discurso e à FD em que a materialidade se inscreve.

Pelo nível linguístico, podemos considerar que a indeterminação vincula-se ao fato de que o discurso científico tende a um efeito de objetividade,⁵ com vistas a anular as marcas pessoais para garantir a veracidade de suas proposições. Já pelo viés discursivo, ao nos reportarmos à exterioridade, essa forma verbal remete aos estudiosos da língua, que são, em especial, os filólogos.

Pêcheux (2009 [1975]) destaca que a indeterminação pode estar vinculada a um efeito de saturação, ou de não-saturação. Se considerarmos o efeito de saturação, a indeterminação aponta para uma asserção que está na ordem do geral – qualquer um sabe –, se levarmos em conta o efeito de não-saturação, em consonância à determinação sócio-

3 Os negritos realizados nos recortes referem-se aos saberes outros que estão linearizados no fio do discurso; já os sublinhados foram realizados para ressaltar as marcas linguísticas que nos permitem observar e compreender a inscrição do sujeito frente aos saberes linearizados.

4 SN= Silva Neto.

5 A objetividade das produções científicas, em nosso entendimento, estaria na ordem da tentativa de apagamento do sujeito, estando este camuflado para atender os critérios de cientificidade.

-histórica e ideológica do discurso em questão, não podemos mais tratar a forma verbal ‘sabe-se’ enquanto uma forma generalizada, determinando que não é qualquer um que sabe, mas sim especialistas, estudiosos da linguagem.

O conceito de língua retomado vem marcado por uma definição: ‘língua é um sistema’, sendo o verbo de ligação que explicita a definição. Partindo da função gramatical do verbo de ligação, sabemos que serve para ligar o nome a seu complemento, a um predicado nominal. Do ponto de vista discursivo, podemos considerá-lo como um elemento fundamental no processo de definição, tornando-se o elo entre o nome e sua predicação, a qual o define. Ainda, é possível observar outra predicação, mas no que se refere à própria predicação: ‘rigorosamente conexo’. O advérbio ‘rigorosamente’ está intensificando o termo ‘conexo’, e ambos, por sua vez, estão em relação à asserção anterior, ao predicado da definição: ‘sistema’.

Cabe enfatizar um pouco mais a respeito da definição, visto que, segundo Pfeiffer (2003), pode ser entendida enquanto uma prática social que possibilita compreender a relação constitutiva entre sujeito e discurso. Para a autora, trata-se de uma prática que não se restringe aos limites dos sentidos, ao que está estabilizado, mas se refere aos efeitos de sentidos, pois se deve considerar que os mesmos são históricos e ideológicos. Nesse sentido, considerar a definição do ponto de vista discursivo é considerar tanto o que está estabilizado quanto o que escapa, isto é, os efeitos de sentidos que se estabelecem devido à determinação histórica e ideológica.

Contudo, ao retomar certa definição, instaura-se um gesto de interpretação frente a esse já dito que se atravessa na formulação do discurso, produzindo efeitos de sentidos na medida em que tal já dito irrompe em uma discursividade imersa em dadas condições sócio-histórica e ideológica. Desse modo, não podemos considerar a definição de língua retomada do pressuposto saussuriano destituída de efeitos de sentidos outros, e tomá-la como cristalizada, uma vez que, no momento em que está articulada a outros saberes, no caso, os saberes filológicos, e está inscrita em outras condições de produção, há uma forma de historicização distinta que remete a outros sentidos. Assim, interessa-nos os sentidos que se instauram quando tal definição ressoa e se articula na horizontalidade discursiva.

Tendo em vista tais colocações sobre a base linguística do RD1(SN), as quais dizem respeito à seguinte parte do recorte, podemos, pois, nos reportar ao discurso outro que é retomado e que está linearizado no fio do discurso, referente ao postulado saussuriano, ao que está exposto no *Cours de Linguistique Générale*,⁶ e fazer as seguintes aproximações:

RD1(SN): “Desde Saussure pelo menos, **sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres [...]**” (grifos nossos).

RD(FD): “[...] **langue, le plus complexe et le plus répandu des systèmes d’expression [...]**” (SAUSSURE, 1967, p. 100, grifos nossos).

RD(FD): “[...] **un système de valeurs est complexe et rigoureusement organisé [...]**” (SAUSSURE, 1967, p. 116, grifos nossos).

Ao contrastarmos tais discursos, entendemos que há ressonâncias de significação, tal como propõe Serrani (1997), entre esses discursos situados em condições sócio-histó-

⁶ Doravante apenas *Cours*.

ricas e ideológicas distintas, ressonâncias que se linearizam no discurso via paráfrase discursiva. No recorte que estamos analisando, há uma retomada do postulado saussuriano, mas organizando-a de um modo diferente, não se tratando, portanto, de uma transposição da língua francesa para a língua portuguesa, produzindo determinados efeitos de sentidos.⁷

Há um modo diferenciado na retomada, pois não se observa a repetição, a íntegra dessa formulação origem,⁸ o que se observa são ecos de sentidos entre esses dois discursos. Desse modo, o conceito de língua do RD1(SN) se constitui tendo por base esse já dito, que se atravessa no fio do discurso, instaurando o efeito de sustentação, a articulação desse domínio de memória vinculado ao postulado saussuriano. Sustentação/articulação que não é meramente uma reprodução, ela produz sentidos e permite a constituição do sujeito, que, para nós, pode ser compreendida pela passagem de ‘rigoureusement organisé’ para ‘rigorosamente conexo’. Ou seja, há outra predicação instalada na retomada, porém ressoando tais sentidos vinculados ao postulado saussuriano, e a mudança de tal item lexical pode também ser entendida enquanto uma marca da inscrição do sujeito no discurso.

No restante do RD1(SN), a ênfase recai na questão da fala e podemos fazer as seguintes aproximações:

RD1(SN): “Êsse sistema, que só existe nos indivíduos falantes, tem, entretanto, existência independente dêles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é impôsto” (grifos nossos).

RD(FD): “La langue n’est pas une fonction du sujet parlant, elle est le produit que l’individu enregistre passivement; elle ne suppose jamais de préméditation, et la réflexion n’y intervient que pour l’activité de classement dont Il sera question [...]” (SAUSSURE, 1967, p. 30, grifos nossos).

RD(FD): “ Nous venons de voir que la langue est une institution sociale, mais elle se distingue par plusieurs traits des autres [...]” (SAUSSURE, 1967, p. 33, grifos nossos).

RD(FD): “[...] la langue, qui est sociale dans son essence et indépendante de l’individu [...]” (SAUSSURE, 1967, p. 37, grifos nossos).

Referendamos vários recortes do *Cours*, justamente, em razão de não haver uma retomada direta, mas sim ressonâncias de significação compreendidas por meio da relação do dito com o interdiscurso. O que nos interessa é o fato de que o discurso em análise, situado em certas condições e FD específica, remonta a um dizer outro, fazendo-o intervir na formulação do discurso e permitindo que o já dito e seus sentidos se estabilizem na presente FD.

Observamos que é mantido o encadeamento do postulado saussuriano no fio do discurso, dando continuidade à definição posta na asserção anterior, como indica o elemento anafórico ‘esse’, mantendo uma relação ‘inter-sequencial’, nos termos de Henry (1990 [1975]), que se reforça pela oração relativa explicativa, cujo efeito é o de sustentação ao que se diz anteriormente: ‘que só existe nos indivíduos falantes’. Por meio da

7 RD(FD)= Recorte discursivo retirado do *Cours*, de Ferdinand de Saussure. Utilizamos a versão em francês, pois é a versão citada nas obras em estudo. Os negritos realizados nesses recortes referem-se aos saberes que estão sendo retomados via ressonâncias de significação.

8 O domínio de formulações-origem, na acepção de Courtine (2009 [1981], p. 112), não se refere a atribuir “um ‘começo’ ao processo discursivo, mas constitui o lugar onde se pode determinar, no desenvolvimento do processo discursivo, o surgimento de enunciados que figuram como elementos do saber próprio a uma FD”.

oração explicativa, compreendemos que não há apenas uma explicação acerca do termo antecedente, mas uma sustentação que remete à questão da fala, devido ao fato de que são os falantes/indivíduos, por um ato individual, que colocam a língua em funcionamento, ou seja, executam a língua.

No entanto, há uma marca linguística que destaca a oposição entre o que pertence ao nível da língua e o que pertence à fala: ‘entretanto’, cujo funcionamento, quando linearizada, é introduzir sentidos opostos dos apresentados na asserção anterior. No caso, ‘entretanto’ está reiterando a dicotomia língua vs. fala, bem como a relação contraditória que perpassa sobre o próprio conceito de língua, que se liga à fala, mas é, ao mesmo tempo, independente dela e dos falantes.

Tendo em vista as aproximações realizadas entre o recorte em análise e o postulado saussuriano, podemos dizer que há um funcionamento parafrástico entre o dito e o já dito situado em outras condições de produção. Tal funcionamento ocorre, especialmente, via ressonâncias de significação, as quais nos permitem observar que, no processo parafrástico do RD1(SN), não há uma retomada por repetição do já-dito, mas uma reformulação do já dito que faz ecoar tais sentidos em outra formulação discursiva, pertencente a uma conjuntura distinta, balizada pelos saberes filológicos.

O segundo recorte de Serafim da Silva Neto a ser analisado é o seguinte:

RD2(SN): “Apesar dos merecimentos do sábio alemão Georg Gabelentz, e de outros, o nome que, **na Linguística, encarna essa nova direcção espiritual é Ferdinand de Saussure**. O mestre suíço revela, no seu *Cours de Linguistique Générale* (1916) boa formação geral sociológica: e sabemos até, por informação Doroszewski, que ele acompanhava atentamente a polémica entre Tarde e Durkheim.

Não surpreende, pois, que **o pensamento saussuriano ofereça vistas originais e profunda: ele, a bem dizer, inaugura uma nova fase na Linguística Geral. Entre as suas contribuições capitais contam-se a ideia de língua como um sistema e a distinção entre a língua e a fala.**

De facto, a língua é um sistema em que todas as partes podem e devem considerar-se sincrõnicamente solidárias e interdependentes. Daí a comparação com o jogo de xadrez: o valor respectivo das peças depende da sua posição no taboleiro, assim como na língua cada termo tem o seu valor por oposição a todos os outros termos.

Além da *língua*, que preexiste ao indivíduo e a ele se impõe, há a *fala*, isto é, a execução do material linguístico feita pela pessoa falante”. (Manual de Filologia Portuguesa, 1952, p. 302-303)

Em se tratando do RD2(SN), observamos semelhanças em relação ao recorte anterior, especificamente no que tange as suas marcas linguísticas, tal como a citação de Ferdinand de Saussure e de seu célebre livro, *Cours de Linguistique Générale*. A citação justifica-se para ressaltar a importância do estudioso e da obra para o domínio da Linguística: “[...] o nome que, na Linguística, encarna essa nova direcção espiritual é Ferdinand de Saussure. O mestre suíço revela, no seu *Cours de Linguistique Générale* (1916) boa formação geral sociológica [...]”. Na parte inicial do recorte, constatamos várias predicções referentes à Saussure, tais como: “mestre suíço”, “boa formação geral sociológica”, “que o pensamento saussuriano ofereça vistas originais e profunda”, “contribuições capitais”.

A importância conferida à Saussure nos possibilita compreender que se lança um olhar para esse domínio de saber com vistas a destacar a reconfiguração que os estudos sobre a linguagem passaram quando da publicação dessa obra: “inaugura uma nova fase na Linguística Geral”. A retomada da relevância de tal estudioso, é, de certo modo, para ratificar o fato de se referenciar o conceito de língua e sua distinção da fala, como podemos observar: “Entre as suas contribuições capitais contam-se a ideia de língua como um *sistema* e a distinção entre a *língua* e a *fala*”.

Cabe destacar que, antes da retomada do conceito de língua, há a marca linguística “De fato”, a qual, a nosso ver, aponta para a inscrição do sujeito frente ao discurso em questão, sugerindo-nos um posicionamento de concordância ao que será dito na sequência. No caso, o que segue é o conceito de língua, mas sob um aspecto em específico: a relação com o valor, ao contrário do que vimos no RD1(SN) que se centrou na distinção entre língua e fala.

Abaixo, trazemos as considerações sobre o conceito de língua referenciado no RD2(SN), e o que está posto no *Cours*, observando as possíveis ressonâncias de significação entre o recorte em análise e tal domínio de memória:

RD2(SN): “De facto, a língua é um *sistema* em que todas as partes podem e devem considerar-se *sincronicamente solidárias e interdependentes*. Daí a comparação com o jogo de xadrez: o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, assim como na língua *cada termo tem o seu valor por oposição a todos os outros termos*.” (negritos nossos).

RD(FD): “La langue est un système dont toutes les parties peuvent et doivent être considérés dans leur solidarité synchronique” (SAUSSURE, 1967, p. 124, grifos nossos).

RD(FD): “Le valeur respective des pièces dépend de leur position sur l'échiquier, de même que dans la langue chaque terme a sa valeur par son opposition avec tous les autres termes” (SAUSSURE, 1967, p. 125-126, grifos nossos).

Ao compararmos o conceito de língua do trecho acima do RD2(SN) com o postulado saussuriano, podemos dizer que o funcionamento parafrástico ocorre, sobretudo, pela transposição de uma língua para outra, do francês para o português. Tal retomada é, pois, uma repetição do já dito que irrompe no fio do discurso, linearizando-se de modo que o sujeito se identifica com esse já dito, pertencente a um domínio de saber específico, a saber: o da Linguística.

Contrapondo ambos os discursos, observamos que, embora se sobressaia a repetição, há, na primeira parte do RD2(SN), a inserção de outro termo: “interdependentes”, pois, no discurso retomado, o que se verifica é a ênfase na “solidarité synchronique”, não havendo a referência na questão da interdependência. Além disso, outra diferença presente na formulação do conceito retomado refere-se ao que introduz a segunda parte: “Daí a comparação com o jogo de xadrez”, que serve para articular o que segue com a primeira parte do conceito.

A parte final do RD2(SN) pode ser contrastada com o seguinte trecho do postulado saussuriano:

RD2(SN): “Além da língua, que preexiste ao indivíduo e a ele se impõe, há a fala, isto é, a execução do material linguístico feita pela pessoa falante” (grifos nossos).

RD(FD): “[...] car l’exécution n’est jamais faite par la masse; elle est toujours individuelle, et l’individu en est toujours le maître; nous l’appellerons de parole” (SAUSSURE, 1967, p. 30, grifos nossos).

Novamente, nessa parte final do RD2(SN), observamos a ênfase na distinção entre língua e fala, estando cada conceito sustentado por um funcionamento distinto, a saber: o conceito de língua é sustentado pela oração explicativa e o de fala pelo funcionamento da glosa (isto é). Ambas as sustentações fazem intervir o funcionamento do interdiscurso, porém, pela explicativa há a presença de outra sequência que ancora um termo anterior, no caso, a língua. Já a glosa, segundo Serrani (1997), aponta para uma reformulação pertencente à dimensão da formulação discursiva, do que está sendo produzido e linearizado no fio do discurso. Podemos ainda considerar a glosa enquanto uma possibilidade de observar a tomada de posição do sujeito, no caso, ‘isto é’ introduz o que se entende por ‘fala’, cujo conceito está marcado pelo viés da Linguística.

Desse modo, consideramos que há uma ressonância interdiscursiva que não faz apenas ressoar os sentidos entre as asserções constitutivas do postulado saussuriano e o discurso em análise, mas que repete o já dito em outras condições sócio-histórica e ideológica, incorporando-o aos saberes da FD em que o sujeito está inscrito. Cabe ainda ressaltar que não é por acaso que tais considerações sobre a língua, pelo viés da Linguística, são referendadas, mas devido à discussão que se tem na obra (*Manual de Filologia Portuguesa*) onde o RD2(SN) se encontra.

Diante das considerações que propusemos em torno do RD1 e RD2, recortes que pertencem a obras sobre a língua portuguesa do início dos anos de 1950, podemos dizer que as proposições de Saussure linearizam-se na formulação do discurso para dar sustentação ao dito e estabilizar determinados sentidos sobre esse domínio de memória na FD que envolve os estudos sobre a linguagem, além de apontar para a inscrição do sujeito frente a tais saberes.

Considerações finais

A partir da reflexão proposta, entendemos que há um funcionamento parafrástico diferenciado em cada recorte, porém possuindo como eixo de referência o objeto da Linguística: a língua. No RD1(SN), há a retomada do conceito de língua enquanto sistema, retomada que ocorre não pela repetição do já dito, mas pela reformulação dos saberes que irrompem no discurso por meio de ressonâncias de significação. Já no RD2(SN), verificamos a questão da língua ligada ao valor que ocorre, especialmente, pela repetição do já dito, pela transposição de uma língua para outra. O que nos interessa destacar é o fato de em ambos os recortes haver a inscrição de um discurso outro, inscrição esta compreendida pelo funcionamento da paráfrase discursiva, que nos permite colocar em relação duas formulações situadas em conjunturas e condições distintas.

Consideramos o retorno de saberes já postos sobre a Linguística como um efeito do pré-construído, um dos elementos do interdiscurso cuja característica primordial é “a separação fundamental entre o *pensamento* e o *objeto de pensamento*” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 93, grifo do autor). O pré-construído torna-se uma noção essencial na constituição discursiva, tornando o dizer/discurso possível pelo fato de conferir seu objeto, tomado enquanto pré-existência e exterioridade, ao pensamento. Ou seja, liga-se ao que já está posto, ao que está preestabelecido, que pode vir a ser articulado e linearizado no intradiscurso.

Para Pêcheux (2009 [1975]), “o efeito de pré-construído” trata-se, portanto, de uma “modalidade discursiva da discrepância” (p. 156), por meio da qual o indivíduo é interpelado em sujeito, uma vez que é a partir desses lugares já dados na exterioridade que o indivíduo tem a possibilidade de se constituir enquanto sujeito. Há esse funcionamento nos RDs analisados, visto que o sujeito inscreve seu dizer em construções já dadas, que estão na ordem da exterioridade, do pré-construído, fazendo com que outros dizeres articulam-se na dimensão intradiscursiva. Esse efeito discursivo vincula-se ao que Pêcheux, a partir de Henry (1990 [1975], p. 89), considera como encaixe sintático.

Desse modo, pelo pré-construído, o sujeito pode inscrever e atualizar o postulado saussuriano por um funcionamento parafrástico, o qual passa a estar encaixado, linearizado no intradiscurso, produzindo o que Pêcheux enfatiza como o efeito de sustentação, que é ‘uma espécie de retorno do saber no pensamento’ (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 102). O pré-construído e o processo de sustentação são elementos que integram o interdiscurso, opondo-se, mas, complementando-se ao mesmo tempo, uma vez que não se pode compreender o efeito da articulação de asserções sem o pré-construído, o qual dá a base para o processo de constituição do dizer/discurso.

Entendemos que é por essa articulação de discursos que há a inscrição do sujeito em outros saberes, no caso, nos saberes da Linguística, os quais constituem o discurso em análise juntamente com os saberes que se sobressaem, que são os filológicos. O que compreendemos é, portanto, a articulação dos saberes da Linguística no discurso em análise, produzindo um efeito contraditório, visto que os saberes predominantes da FD dos estudos da época eram os saberes da Filologia. A contradição que se instala é justamente resultante do funcionamento da paráfrase discursiva, que permite a relação de conjunturas e FDs distintas, irrompendo outro domínio de memória na constituição do conceito de língua dos estudos sobre a língua portuguesa do Brasil de 1950, permitindo, por conseguinte, a constituição do sujeito e dos sentidos a partir dessa relação entre diferentes domínios de saber.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J-J. *Análise de Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009 [1981]. 250 p.

HENRY, P. Construções relativas e articulações discursivas. Tradução de João V. Galdi e Celena Margarida Cruz. In: ORLANDI, E.; GERALDI, J. V. (Org.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 19, jul/dez, p. 43-64, 1990. [1975]

ORLANDI, E. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a. 218 p.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 75-88.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004. 156 p.

_____. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. 100 p.

_____. *Terra à vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990. 260 p.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. brasileira. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1975]. 287 p.

_____. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. brasileira. Tradução de Bethania Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. [1975]. cap. IV, p. 163- 252.

PÊCHEUX, M.; LÉON, J. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1982]. p. 163-173.

PFEIFFER, C.C. Definir (,) um percurso. In: ORLANDI, E. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 105-120.

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique générale*. Edição crítica preparada por Túlio de Mauro. Editions Payot & Rivages, 1967. 513 p.

SERRANI, S. M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. 2. ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1997. 152 p.

SILVA NETO, S. da. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1952.

_____. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Departamento da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950.

ZANDWAIS, A. A heterogeneidade do conceito de paráfrase. *Ensaio* – Estudos da linguagem. Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzatto, n. 10, p. 11-18, 1996.